

PREÇO BAIXO, ALTO CUSTO: UM ESTUDO DE CASO DA REDE FORT ATACADISTA E SEUS IMPACTOS NA GRANDE FLORIANÓPOLIS

Renato da Luz Junior², Renata Rogowski Pozzo³, Carolina Ana Silveira Brenner⁴

1 Vinculado ao projeto “Os Atacarejos e a fragmentação do tecido urbano: consequências cotidianas para o morador da Grande Florianópolis”

2 Acadêmico (a) do Curso de Geografia Licenciatura – FAED – Bolsista PROBIC

3 Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – renata.pozzo@udesc.br

4 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo – CERES.

Ao longo das últimas duas décadas, os atacarejos/atacadistas vem tomando espaço na malha urbana das cidades brasileiras, de modo que adquirem progressiva importância para as compras familiares brasileiras. Os atacarejos são reconhecidos pela oferta de produtos pouco sortidos a preços menores em espaços comerciais amplos e simplificados. Deste modo, o modelo conhecido popularmente como atacarejo é tipicamente brasileiro, e compõe o setor de comércio que mais cresce no país (REVISTA ABAAS, 2016). O aumento da inflação e o passar da pandemia do COVID- 19, são fatores que estimulam ainda mais o crescimento do setor, pois acabam por promover um chamado “comportamento estoquista” do consumidor (REVISTA ABAAS, 220B). Além da sua localização convencionalmente, fora dos tecidos contíguos urbanos, próximos a rodovias federais e estaduais, ou estradas com grande tráfego como um todo, induzindo os consumidores a realizarem compras de maior escala e com o uso de algum veículo automotivo.

Para aproximar as discussões teóricas e conceituais mais amplas da realidade socioespacial, foi realizado um estudo de caso da rede Fort Atacadista visto seu predomínio no estado de Santa Catarina em relação a outros grandes atacarejos brasileiros, para compreender especialmente aspectos de sua inserção urbano-regional, com atenção àqueles localizados no Arranjo Populacional de Florianópolis. Segundo ranking da ABAAS publicado em março de 2022, o Fort Atacadista está como quarto colocado entre atacarejos brasileiros, levando em conta faturamento, número de lojas e quantidade de funcionários. Seguindo o típico padrão dos conglomerados de negócios, a empresa também trabalha com serviços financeiros (Vuon Card desde 2019), soluções logísticas (Perlog desde 2020), Farmácias (SempreFort desde 2019) e Postos de gasolina (Fort Atacadista Posto desde 2021).

O Fort Atacadista teve seu início em Joinville (SC) em 1999. Posteriormente, lojas foram inauguradas em outras regiões do estado e, também em outras regiões do país, sendo elas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. A partir de análises com o uso da plataforma Google Maps, percebeu-se que grande parte das lojas surgiram após 2017. Notou-se que a expansão do Fort Atacadista “pega carona” na ampliação do meio técnico-científico informacional da região concentrada (sul e sudeste) para o centro oeste (SANTOS, SILVEIRA, 2001). A partir disso, pode-se explicar a expansão do mercado atacadista na região nos últimos anos, impulsionada pelo agronegócio e, possivelmente também à existência de incentivo fiscal para mercados mistos (atacado e varejo) nos estados que a compõe.

O levantamento das lojas do Fort Atacadista foi realizado a fim de compreender se haveria padrões e/ou relação específica de características das cidades e bairros onde foram inseridas, além de verificar as hipóteses de estratégias de modelo e iniciar debates acerca das consequências dessas grandes existências comerciais no meio urbano e vida cotidiana da população brasileira.

Os pontos elencados relacionaram *inserção regional, inserção urbana e aspectos arquitetônicos e de funcionamento* do Fort Atacadista.

A grande maioria dos locais de implantação das unidades da rede, fazem parte de arranjos populacionais (A.P.), agrupamento de municípios com forte integração populacional devido a movimentos pendulares e/ou proximidade entre as principais manchas urbanizadas. Adentrando em escala urbana, a partir da verificação da distancia e relação entre lojas do Fort Atacadista, é perceptível a proximidade destas a estradas com grande tráfego e também em cidades que são cortadas por BR's e rodovias estaduais. Tem-se como exemplo mais notável a filial da cidade de São José, Santa Catarina (bairro Barreiros), presente diretamente nas margens da BR-101. Demonstrando assim, uma forte relação dos atacarejos com o rodoviarismo.

São perceptíveis algumas marcas construtivas nas construções “pré-moldadas” dos atacarejos, neste caso o Fort, apresenta matérias pré-fabricados de rápida montagem/construção, com estacionamentos cobertos, estruturas metálicas, e utilizando entre 35% a 50% do terreno das unidades para vagas de automóveis, ressaltando mais uma vez, a promoção à utilização de automóveis para realização das compras. Em outras palavras, são unidades todas, muitos similares, de fácil replicação construtiva.

Pode-se perceber a partir do desenvolvimento da pesquisa, que os atacarejos acabam por romper o tecido urbano dos bairros em que estão inseridos, impactando os comércios de menor escala pré-existentes, e como dito acima, intensificam a necessidade de uso do automóvel na vida cotidiana dos moradores. Operando na lógica das verticalidades, mas capturando força de trabalho e consumidores das horizontalidades, os atacarejos são um modelo comercial que se assentou perfeitamente nos territórios fragmentados dos grandes arranjos populacionais brasileiros.

Ao incentivar compras em grandes quantidades, os baixos custos finais dos produtos presentes nos atacarejos, acabam se tornando de certo modo ilusórios, além de carregarem dinâmicas perversas do capitalismo exploratório em sua operação. Sem contar os altos custos logísticos para o consumidor e para o Estado, pois demandam de pesadas infraestruturas para seu funcionamento.

Palavras-chave: Geografia do comércio. Atacarejo. Florianópolis.

Referências:

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**. Território e Sociedade no início do século 21. Rio de Janeiro: Record, 2001

REVISTA ABAAS. São Paulo: Abaas, n. 1, dez. 2016. Disponível em: <https://abaas.com.br/revista-n1/>. Acesso em: 30/05/2022.

REVISTA ABAAS. São Paulo: Abaas, n.11, dez. 2020B. Disponível em: <https://abaas.com.br/revista-11/>. Acesso em: 30/05/2022.